

Luta Operária na Rodésia¹

*Lua de Maio*²

O marxismo tem ao longo dos anos sistematicamente ignorado o movimento operário das formigas.³ Ao enfatizar em abstrato as relações de produção e a luta de classes, o enfoque do materialismo dialético negligenciou o protagonismo das questões de gênero, assumindo assim, paradoxalmente, postura reacionária por ver nos homens os agentes privilegiados, senão mesmo exclusivos, do processo histórico. Somente nos últimos anos, com o aporte do movimento feminista, é que se pôde perceber que tal desconsideração decorria da falsa consciência impingida pela sociedade patriarcal-burguesa, tão profundamente arraigada que afetava até os pensadores progressistas que a ela se queriam furtar, pois o formigueiro representa a mais radical ruptura com o paradigma social vigente, alternativa por demasiado embaraçosa para sequer ser considerada como objeto de conhecimento: no formigueiro, por um lado, a classe operária compõe-se unicamente de fêmeas e, por outro, a superestrutura política, embora monárquica e absolutista⁴, é matriarcal. Nesse mundo, não à toa *underground*, o macho desempenha papel totalmente acessório.

É verdade que o próprio Marx estava bem ciente do protagonismo do proletariado das formigas como motor da história, sobretudo no setor da construção civil: “De fato, o animal também produz. Constrói para si um ninho, habitações, como as abelhas, os castores, as *formigas* etc.”⁵ No entanto, a sábia constatação do fundador do materialismo dialético caiu no esquecimento das esquerdas revolucionárias, as quais, contudo, neste momento de efervescência de revoltas estudantis e piquetes, mais do que nunca parecem assemelhar-se a uma bomba atômica: fragmentam-se a cada dois milissegundos.

A problemática agrava-se ainda mais quando se consideram as inter-relações com as lutas contra o imperialismo e o racismo por todo o Terceiro Mundo, onde habita a maior parte das formigas. Fruindo duma independência unilateralmente declarada que, na verdade, se presta apenas para perpetuar o jugo da classe dominante branca e a reprodução do capital transnacional pela exploração da maioria negra, a Rodésia é, sem dúvida, o *locus* privilegiado para se abordar as contradições do capitalismo, sobretudo a dos países periféricos (sendo o proletariado formigueiro rodesiano a periferia da periferia). Este artigo visa despertar nas operárias a consciência de classe,

¹ Publicado originalmente em folhas mimeografadas coladas com cuspe nas paredes dos banheiros do metrô parisiense em maio de 1968. Trata-se, portanto, dum dos textos menos conhecidos do Prof. Glommer. (*N. dos Tr.*)

² De maio de a agosto de 1968, o Prof. Glommer passou-se a chamar Lua de Maio, nome que voltou a adotar por alguns meses de 1974 quando foi vender bijuteria e sacolé no Sana. (*N. dos Tr.*)

³ Apenas para citar exemplo recente, não há nenhuma referência ao operariado das formigas na obra de Wolfgang Abendroth sobre os movimentos trabalhistas europeus. *Sozialgeschichte der europäischen Arbeiterbewegung*. Frankfurt: Surkhamp, 1965.

⁴ Alguns ideólogos burgueses, como Hans Kelsen, têm escamoteado as relações de exploração no formigueiro por meio duma análise jurídico-formalista que considera a rainha como a norma fundamental do ordenamento constitucional.

⁵ MARX, Karl. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844*: “Zwar produziert auch das Tier. Es baut sich ein Nest, Wohnungen, wie die Biene, Biber, Ameise etc.” Marx também apontou o papel das formigas como sujeito histórico num texto de juventude (mais precisamente, uma redação da 2ª série), no qual afirma: “As formiguinhas são miudinhas, mas trabalham mais que os capitalistas.” (“*Die Ameisechen sind recht klein, aber arbeiten mehr als die Kapitalisten.*”) MARX, Karl. *Die Frühschriften*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1968. Sobre a especulação imobiliária entre as formigas, cf. PÄRT, Arvo. *Käraakaräamba Käarakaraö*. Tallin: Äeöououö, 1966 (resumo em húngaro).

ajudando-as nas suas lutas de libertação, que, afinal, também são as nossas, em especial daqueles dentre nós que têm seis patas. Tais lutas, entretanto, não podem prescindir de investigação científica – que é sempre dialética – para que as operárias possam embasar suas ações presentes bem como futuras.

No que tange às forças produtivas, o desenvolvimento é baixo. Além do formigueiro, núcleo reprodutor da mão-de-obra e celeiro, pouco há. A maioria das espécies permanece ainda no estágio caçador-coletor, geralmente da folha serrada, donde a incipiente diferenciação social entre uma classe trabalhadora, uma aristocracia guerreira fornicativa e uma rainha. No entanto, certas espécies evoluíram para a agricultura e a pecuária, como aquelas que cultivam fungos e apascentam pulgões, dos quais ordenham açúcares.⁶ Mesmo nesses casos de transição, o modo de produção pouco se distingue, pois a relação de exploração fundamental continua inalterada⁷: a quase totalidade da população constitui-se de operárias que, privadas de parte do produto do trabalho por coação extra-econômica (ferroadas e/ou mordidas), sustentam o parasitismo dos guerreiros e dos machos cortesãos.⁸ Os circuitos de troca, praticamente inexistentes mesmo dentro da mesma espécie, caracterizam o formigueiro como economia natural.⁹

A caracterização desse modo de produção é assaz controvertida no campo marxista, sustentando alguns tratar-se de escravismo¹⁰; outros, de comunismo primitivo com visíveis primícias de estratificação social; outros ainda, dum modo de produção asiático/tributário; uma quarta corrente, de pré-capitalismo, por se desenvolver o essencial da produção no âmbito familiar (*lato sensu*)¹¹; uma quinta que vê na rede de túneis do formigueiro paralelos com o modelo hidráulico de Wittfogel¹²; e, enfim, aqueles que esposam (ou melhor, abraçam, porque esposar é muito careta e coisa de burguês) a posição que aventei pioneiramente há alguns anos, isto é, um *modo de produção himenóptero*, pois comum às formações econômico-sociais das formigas, das abelhas, das vespas e dos cupins.¹³

⁶ DIAMOND, Jared. *O Terceiro Chimpanzé: a evolução e o futuro do ser humano*. Rio de Janeiro: Record, 2010 [sic], pp. 201-202 .

⁷ Compactuo, conforme se pode facilmente notar, da perspectiva de que as relações de produção são mais relevantes na caracterização dum modo de produção que as forças produtivas.

⁸ Em virtude desse modelo trifuncional, alguns estudiosos propuseram origens indo-européias para as formigas. A mim parece irrelevante a distinção entre *bellatores* e *amatores*, pois ambos ocupam a mesma posição nas relações de produção como classe exploradora.

⁹ DOPSCH, Alfons. *Microeconomia Natural*.

¹⁰ DARWIN, Charles. *The Origin of the Species*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952, cap. VIII, pp. 125-127. O célebre naturalista aborda, numa perspectiva de luta de classes, as reiteradas tentativas da *Formica sanguinea* de reduzir aos vínculos de dependência pessoal o formigato independente (*F. fulva* e *F. fusca*), sem esquecer, dialeticamente, a resistência, muitas vezes heróica, destas últimas. Tal excelente análise, sofisticadíssima para uma época de hegemonia positivista, permite-nos compreender a influência que Darwin exerceu sobre Marx.

¹¹ BERNARDO, João. *Poder e Dinheiro: do poder pessoal ao Estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV*. Lisboa: Afrontamento, 1995 [sic], p. 21, v. I.

¹² WITTFOGEL, Karl August. *Plumbing for Marxists*. Nova York: Super Mario Bros. Press, 1953.

¹³ Indubitavelmente fui precedido, em começos do século, pelo socialismo utópico e simbolista de Maurice Maeterlinck. Cf. sua trilogia *La vie des abeilles*, *La vie des termites*, *La vie des fourmis*. As principais críticas ao modo de produção himenóptero partiram do estruturalismo genético e do marxismo molecular. Os propugnadores da primeira corrente, de matriz lineana, insistiram em serem os cupins isópteros, consideração impertinente, pois o modo de produção deve entender-se como construto abstrato, nunca realizado na sua plenitude, do contrário, atentando apenas para os aspectos superestruturais (o formato das asas), seríamos forçados a considerar a organização social dessa espécie como muitíssimo mais próxima das baratas, o que obviamente não é o caso. Dentro do marxismo molecular, Carl Woese, arguiu que o modo de produção himenóptero deve ser abandonado por conta duma vincada homogeneidade dos eucariontes entre si em cotejo com as arqueias e com as eubactérias, argumentando,

Um elemento-chave para a manutenção do modo de produção himenóptero é, sem dúvida, o Estado. Para mistificar a essência¹⁴ classista por trás de toda organização estatal, a historiografia burguesa tem empregado os mais desesperados subterfúgios, dos quais o supremo ridículo é prender-se ao nominalismo. Dever-se-ia – assim engabelam a si próprios tais ideólogos – dizer que no formigueiro há reino, porque as formigas não possuem vocábulo para Estado¹⁵ (na verdade, não possuem vocábulo para porra nenhuma, logo nem existem). Com mais acerto, naturalmente na escassa medida que lhe permite o horizonte ideológico, houve quem considerasse a organização política do formigueiro comparável àquela das universidades, pois, embora capazes de estridular, as formigas não possuem órgãos de audição.¹⁶ Tais considerações são impertinentes, pois, a universidade é afinal mero aparelho ideológico de Estado (ApaIE), empenhado em reproduzir a estrutura de dominação, como muito bem demonstrou Althusser,¹⁷ ele próprio professor da Puc/Campus Paris (conhecida na boca do povo como École Normale Supérieure), razão pela qual eu, um Schönberg da lógica, fui forçado a concluir, em trabalho colaborativo, que a única esperança revolucionária para a Humanidade só pode vir mesmo é do espaço sideral.¹⁸

É verdade que a exploração sofrida pelas formigas e pelos cupins é muito menos brutal que a impingida às abelhas, pois estas ainda se veem submetidas à espoliação humana da sua melosa mais-valia. As únicas espécies que despertam a gula da nossa espécie são as formigas-pote-de-mel, como a *Camponotus inflatus* australiana, que armazena açúcares no abdômen e, por isso, é devorada pelos aborígenes – prova irrefragável de que, cedo ou tarde, acaba se lascando quem faz muito cu-doce.

Vimos abordando a teoria do mirmecomarxismo, mas como cabe à filosofia não só meramente “interpretar o mundo” e sim sobretudo “transformá-lo”, passarei à práxis revolucionária. Podemos chamá-lo de Programa do Quartier Latin e as formigas que não concordarem comigo obrarão pelo seu próprio malefício.

No combate ao regime fascista comandado por Ian Smith na Rodésia, as formigas devem, sempre que possível, lançar cargas devastadoras aos cultivos dos latifundiários ou, quando os contingentes militares forem muito pequenos, adotar as táticas de guerrilha rural, com ataques de baixa intensidade porém contínuos, mordendo os calcanhares do inimigo e rapidamente retirando-se para a base de operações.¹⁹ Em decorrência das guerras intestinas, deve-se buscar comando militar neutro que finalmente supere os tribalismos intra- e interespecíficos, pois, não raro, as formigas

não com certo sofisma, que as relações de troca, ao nível bioquímico, são muito mais díspares, p. ex., entre uma cianobactéria e uma metanosarcina do que entre um ornitorrinco e uma estrela-do-mar. Eis o tipo de crítica que, lançando mão da terminologia do materialismo dialético, acaba por resvalar no pós-modernismo, pois a relação de troca analisa-se aí isolada no indivíduo, não como parte dum todo articulado, além de deslocar o problema da esfera da produção para o da circulação. Cf. FLUSH, W. C. *The Gaia Hypothesis in Light of Toyotism*.

¹⁴ Esta palavra “essência” foi a responsável pela expulsão de Glommer da sua célula anarco-maoísta-hoxhaísta. (*N. do Tr.*)

¹⁵ TIA QUE PARTICIPOU DA ANPUH EM 2011 E DO SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA MEDIEVAL EM 2012. *Não Há Estado, \$%*!; Nunca Houve Estado; Estado: uma ficção; Id.; BAKHUNIN, Mikhail. Estado? Tô Fora!*. Todos os títulos publicados pelo Ministério da Educação.

¹⁶ TEMBROCK, Günter. *Tierstimmen: eine Einführung in die Bioakustik*. Wittenberg: A. Ziemsen, 1959, p. 98: “Auch wenn Ameisen die von ihrer erzeugten Laute gar nicht hören können, dürfen wir daraus nicht den Schluß ziehen, daß ihrer Stridulation keine Bedeutung zukomme.”

¹⁷ ALTHUSSER, Louis. *Lire le Capital (avec la gauche), étrangler la femme (avec la droite)*.

¹⁸ GLOMMER, F.-W.; DÄNIKEN, Erich von. *A Cor Vermelha que Caiu do Espaço: indícios astroarqueológicos de trotskismo*. Planeta.

¹⁹ TSÉ-TUNG, Mao, *O Livro Vermelho*; GADAFHI, Muhamar, *O Livro Verde*; BEATLES, The, *The White Album*; MARIGHELLA, *Manual do Guerrilheiro Urbano*; SILVA, Maykkon. *O Guia do Penetra de Festas e do Pulador de Catracas*.

lutam entre si e também digladiam contra potenciais aliados, como lagartas e gafanhotos, enfraquecendo assim a frente única de luta entomológica contra o imperialismo antrópico branco. Creio poder essa liderança ser representada pela figura carismática de Robert Mugabe, quem, embora com só duas patas, se comporta como se tivesse quatro, servindo assim de ótimo intermediador entre revolucionários bípedes e hexápodes. As formigas, ao cavarem dutos, estão involuntariamente contribuindo para a manutenção da ditadura rodesiana, pois assim arejam o solo e propiciam maiores colheitas nas terras dos dominadores.

Com urgência deve-se organizar nos formigueiros o movimento sindical a fim de deter a todo custo o rápido aburguesamento do proletariado, cada vez mais contaminado pelo fetichismo da mercadoria, satisfeito com as traiçoeiras concessões da classe dominante, introduzidas por líderes pelegos, sobretudo a aparente tolerância no acesso aos açucareiros.²⁰

Resgatar a memória das lutas das formigas operárias é, antes de tudo, parte do esforço para suplantar o consenso da historiografia burguesa e construir uma verdadeira história *vinda de baixo*. Os tempos são, sem dúvida, de dificuldades, porém as camaradas proletárias não se devem deixar abater, chinelar nem envenenar. É a mensagem tocante e cheia de esperança que nos deixa Richard Dawkins: “As formigas operárias perderam as asas, mas não a capacidade de desenvolvê-las.”²¹

Traduzido por Álvaro Figueiró e Alfonso Grão, maio de 2012

²⁰ Para uma boa história do movimento sindical, que pode servir de exemplo às operárias rodesianas, vide RED, Thompson, *The Making of the English Ant Working Class*. Londres: Routledge, 1967.

²¹ DAWKINS, Richard. *O Maior Espetáculo da Terra: as evidências da evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [sic], p. 327.